



Ministério da Administração Interna
POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
Comando Distrital de Polícia de Aveiro



Os Assaltos às Lojas de Venda a Retalho

(compreender e combater o problema)

No original:
"Burglary of Retail Establishments"

De

Ronald V. Clarke

COPS
COMMUNITY ORIENTED POLICING SERVICES
U.S. DEPARTMENT OF JUSTICE

www.cops.usdoj.gov

cpaveiro@psp.pt

www.psp.pt

Tradução: Chefe Evaristo Ferreira

jjferreira@psp.pt

chefevaristo@gmail.com

CDPAVR/SPPP

Outubro – 2012



Os Assaltos às Lojas de Venda a Retalho

(compreender e combater o problema)

Ronald V. Clarke

Este projeto foi apoiado, através do acordo de cooperação N.º 99-CK-WXK004, pelo Office of Community Oriented Policing Services, do U.S. Department of Justice. As opiniões expressas neste guia são as do autor e não necessariamente representam a posição oficial do U.S. Department of Justice.

www.cops.usdoj.gov

Acerca da Série de Guias Policiais

Os Guias para Problemas Específicos resumem o que é sabido acerca da forma como a polícia poderá reduzir os malefícios causados pelos problemas originados pelos crimes e desordens específicos. São guias para prevenir e melhorar as respostas genéricas aos incidentes, não para investigar ofensas ou para lidar com incidentes específicos. Tampouco cobrem todos os detalhes técnicos referentes à forma de implementar respostas específicas. Estes guias foram escritos para os polícias – de qualquer graduação ou missão – que tenham de lidar com qualquer dos problemas específicos abrangidos por estes guias. Estes guias serão de muita utilidade para os elementos policiais que:

- **Compreendem os princípios e os métodos básicos do policiamento orientado para a resolução dos problemas.** Estes guias não são originais em termos de policiamento orientado para a resolução dos problemas. Visam, somente de forma abreviada, ajudar à tomada de decisão inicial para a reflexão sobre um problema em particular, sobre os métodos para analisar o problema e sobre os meios de atestar os resultados de um projecto de policiamento orientado para a resolução de problemas. Foram concebidos para ajudar a polícia a decidir a melhor forma de analisar e lidar com um problema que já tenha sido identificado. (Trata-se de uma série de guias/instrumentos para a resolução dos problemas policiais e que ajudam nos vários aspectos da análise e da avaliação desses problemas.)
- **São capazes de olhar para um problema em profundidade.** Dependendo da complexidade do problema, devemos estar preparados para despende muito tempo, por vezes semanas, ou até meses, a analisar e a responder ao mesmo. Estudar cuidadosamente um problema antes de implementar a resposta ajuda a conceber a estratégia mais correcta - aquela que melhor resultará na comunidade onde trabalhamos. Não devemos adoptar, cegamente, as respostas que outros já usaram; devemos decidir se as mesmas são adequadas à nossa situação local. O que é verdade num lugar poderá não ser verdade noutra local; o que funciona num lugar poderá não funcionar noutra local.
- **Têm vontade de considerar novas formas de conduzir o "trabalho" policial.** Os guias descrevem respostas que outros departamentos de polícia já usaram, ou que estudiosos já testaram. Apesar de nem todas as respostas referidas nos guias poderem ser apropriadas para o nosso problema em particular, elas deverão ajudar a dar-nos uma visão abrangente do tipo de coisas que poderemos fazer. Poderemos pensar que não é possível implementar algumas destas respostas na nossa jurisdição, mas talvez o consigamos. Em muitos lugares a polícia descobriu respostas mais eficazes e, também, tiveram sucesso em conseguir mudanças na legislação e nas políticas, melhorando as respostas aos problemas. (trata-se, pois, de uma série de guias/instrumentos para a resolução de problemas policiais que nos ajudam a compreender como funcionam algumas respostas, usadas habitualmente pelas polícias, para resolver uma variedade de problemas.)

- **Compreendem o valor e as limitações dos conhecimentos provenientes dos estudos.** Para alguns tipos de problemas, existe disponível grande quantidade de estudos úteis; para outros problemas, muito pouco, ainda, existe. Por isso, alguns dos guias desta série resumizam os estudos existentes, enquanto outros guias ilustram a necessidade de mais estudos sobre um problema em particular. De qualquer forma, os estudos nunca fornecem respostas que sejam definitivas e que possamos adoptar em todas as questões postas pelos nossos problemas. Os estudos podem-nos ajudar a iniciar a concepção das nossas respostas, mas não nos podem dizer exactamente o que fazer. Isso vai depender, em grande medida, da natureza particular do nosso problema local. No interesse em manter os guias legíveis, nem todos os estudos relevantes são citados e, tampouco, nem todos os pontos foram atribuídos às respectivas fontes. Se o tivéssemos feito, isso só iria sobrecarregar e distrair o leitor. As referências citadas no final de cada guia são aquelas consideradas de maior peso; não são uma completa bibliografia dos estudos feitos sobre a temática.
- **Estão dispostos a trabalharem com outros para encontrar soluções eficazes para os problemas.** A polícia, por si só, é incapaz de implementar muitas das respostas discutidas nestes guias. Frequentemente, deve implementá-las em parceria com outros responsáveis de organismos públicos e privados, incluindo outras agências governamentais, organizações não governamentais (ONG), comerciantes, industriais, grupos comunitários e cidadãos individuais. Um solucionador de problemas eficaz deverá saber como forjar parcerias genuínas com outros e deve estar preparado para investir consideráveis esforços para que essas parcerias funcionem. Cada guia identifica indivíduos ou grupos em particular, existentes no seio das comunidades, com os quais a polícia poderá trabalhar no sentido de melhorar o conjunto de respostas a um dado problema. Através da análise dos problemas, frequentemente, é revelada a existência de indivíduos e de grupos, para além da polícia, que se encontram numa posição muito mais forte para lidarem com os problemas, motivo porque a polícia deverá transferir, para estes, muita da responsabilidade que lhe cabe e para que o façam como, também, lhes compete. O Guia de Respostas n.º 3, *Transferindo e Partilhando a Responsabilidade pelos Problemas de Segurança Pública (Shifting and Sharing Responsibility for Public Safety Problems)* fornece uma discussão mais aprofundada sobre este tópico. O mesmo encontra-se disponível para descarga livre em <http://www.popcenter.org/library/translations/>.

Estes guias extraem conclusões de estudos e práticas policiais provenientes dos Estados Unidos da América, do Reino Unido, do Canadá, da Austrália, da Nova Zelândia, da Holanda e da Escandinávia. Apesar das leis, costumes e práticas policiais variarem de país para país é evidente que as polícias, em todos os países, vivenciam problemas comuns. Num mundo que, cada vez mais, se encontra interligado torna-se importante que as polícias tomem conhecimento dos estudos e das práticas de sucesso que são feitas além das fronteiras do seu próprio país.

O "COPS Office" e os autores agradecem o fornecimento de feedback sobre este guia e dos relatos das experiências pessoais e das agências policiais sobre como lidaram com problemas semelhantes. A sua corporação policial pode ter utilizado respostas mais eficazes para resolver um determinado problema e que não tenham sido tidas em consideração nestes guias, pelo

que as suas experiências e conhecimentos poderão vir a beneficiar outros. Essa informação poderá vir a ser utilizada para actualizar estes guias. Se desejar fornecer algum feedback e partilhar as suas experiências elas devem ser enviadas por e-mail para askCOPSRC@usdoj.gov.

Agradecimentos

Os Guias Policiais Orientados para a Resolução de Problemas devem muito a esforços de colaboração. Embora cada guia tenha um autor original, outros membros da equipa do projeto, pertencentes aos quadros do COPS Office, e revisores anónimos contribuíram para cada guia propondo textos, recomendando estudos e dando sugestões no tocante ao formato e ao estilo.

A equipa principal do projeto, que desenvolveu a série de guias, foi composta por Herman Goldstein, professor emérito da University of Wisconsin Law School; Ronald V. Clarke, professor de justiça criminal da Rutgers University; John E. Eck, professor assistente de justiça criminal da University of Cincinnati; Michael S. Scott, consultor policial de Savannah, na Geórgia; Rana Sampson, consultora policial de San Diego; e por Deborah Lamm Weisel, directora de estudos policiais da North Carolina State University.

Karin Schmerler, Rita Varano e Nancy Leach supervisionaram o projeto para o COPS Office. Megan Tate Murphy coordenou as revisões para o COPS Office. Suzanne Fregly editou os guias. As pesquisas para os guias foram realizadas na Criminal Justice Library da Rutgers University sob direção de Phyllis Schultze por Gisela Bichler-Robertson, Rob Guerette e Laura Wyckoff.

A equipa do projeto, também, deseja agradecer aos membros dos departamentos de polícia de San Diego, de National City e de Savannah, os quais deram feedback sobre o formato e o estilo dos guias, nas fases iniciais do projeto, assim como enquanto agentes policiais no ativo, como responsáveis policiais e estudiosos e que, igualmente, procederam à revisão de cada guia.

Conteúdo

<i>Acerca da Série de Guias Policiais</i>	5
<i>Agradecimentos</i>	9
<i>O Problema dos Assaltos às Lojas de Venda a Retalho</i>	11
<i>Problemas Relacionados</i>	11
<i>Fatores que Contribuem para os Assaltos às Lojas de Venda a Retalho</i>	14
<i>Localização</i>	15
<i>Instalações</i>	15
<i>Tamanho</i>	15
<i>Bens Vendidos</i>	16
<i>Antiguidade no Negócio</i>	16
<i>Precauções de Segurança</i>	16
<i>Compreender o Nosso Problema Local</i>	17
<i>Fazer as Perguntas Certas</i>	19
<i>Ofensas</i>	19
<i>Ofensores</i>	19
<i>Alvos</i>	20
<i>Locais/Tempo</i>	21
<i>Medir a Nossa Eficácia</i>	21
<i>Respostas ao Problema dos Assaltos ao Comércio a Retalho</i>	22
<i>Respostas Policiais</i>	23
<i>Ações dos Retalhistas</i>	25
<i>Medidas de Planeamento das Autarquias</i>	28
<i>Anexo: Sumário das Respostas aos Assaltos às Lojas a Retalho</i>	30
<i>Notas Finais</i>	34
<i>Referências</i>	35
<i>Acerca do Autor</i>	38
<i>Leituras Recomendadas</i>	39
<i>Outros Guias destas Séries</i>	41

O Problema dos Assaltos às Lojas de Venda a Retalho

Os assaltos às lojas de venda a retalho são um problema em muitas comunidades. Um inquérito britânico concluiu que este tipo de estabelecimentos comerciais perde tanto com os assaltos de que são vítimas como com o conjunto dos pequenos furtos de artigos durante a sua laboração. Estas perdas causam impacto na viabilidade dos negócios e, conseqüentemente, nas comunidades onde estão inseridos. Embora tenham sido realizados muitos estudos sobre os assaltos no geral, muito poucos se têm focado, especificamente, sobre os assaltos com arrombamento nas lojas de venda a retalho, para furtar dinheiro ou bens. † Contudo, as pesquisas que têm sido feitas apontam para algumas respostas eficazes ao problema. Este guia passa em revista o que é sabido acerca dos assaltos às lojas a retalho, sugere formas de os analisarmos na nossa jurisdição e fornece orientações sobre como adequar as respostas.

† Este guia, também, abrange os assaltos conhecidos como “smash-and-grab” e os assaltos do tipo “ram raid”. Os assaltantes do tipo “smash-and-grab” baseiam-se no elemento surpresa ao quebrarem a montra da loja, ou os expositores, agarrando no que podem e fugindo antes que o alarme seja acionado. Os assaltantes que fazem “ram raid” utilizam veículos furtados para arrombarem a entrada dos edifícios, habitualmente a altas horas da noite. Eles recolhem o que querem e escapam rapidamente, frequentemente noutra viatura.

Os negócios abrangidos por este guia incluem as lojas existentes nas áreas comerciais das baixas das cidades, em ruas predominantemente comerciais, nos centros comerciais e nos retail parks, incluindo-se, igualmente, os supermercados isolados, as lojas de bairro e as lojas rurais, bem como os restaurantes, os cabeleireiros e os estabelecimentos de apostas. Os armazéns grossistas, ou os outlets de venda a retalho, situados em zonas industriais não são abrangidos por este guia.

Problemas Relacionados

O problema dos assaltos às lojas de venda a retalho terá que ser distinguido daqueles que (1) se referem a outro tipo de furtos a retalhistas e (2) de outros tipos de assaltos ao comércio em geral. Estes problemas, que devem ser tratados de forma distinta e em separado, incluem:

- Os roubos aos estabelecimentos de venda a retalho;
- Os furtos de artigos à venda (shoplifting);
- Os furtos de artigos armazenados, cometidos por empregados;
- Os furtos cometidos pelo pessoal das entregas;
- As fraudes relativas a seguros, que envolvem os falsos assaltos denunciados pelos proprietários das lojas;
- Os assaltos a bancos (considerados como um problema separado, devido a uma maior segurança existente nos bancos);

- Os assaltos a outros espaços comerciais, como os escritórios, instalações de manufatura de bens, garagens de viaturas de transporte de mercadorias, estaleiros de construção civil e instalações de despacho de mercadorias; e
- Os alarmes falsos de assalto.

Comparados com os assaltos a residências, os assaltos ao comércio – especialmente os assaltos às lojas de venda a retalho – têm sido objecto de poucos estudos. Em parte, isto é devido a um maior número de assaltos a residências, mas isto também é assim devido à crença generalizada de que dos assaltos ao comércio resultam consequências menos graves para as vítimas e para a comunidade no geral. Contudo, vem crescendo o reconhecimento da parte importante que os pequenos negócios desempenham na regeneração urbana, visto que, cada vez mais, surge uma maior preocupação com os crimes que poderão afetar a sua viabilidade.¹ Por sua vez, isto tem conduzido a mais estudos sobre os crimes contra os negócios (incluindo as lojas de venda a retalho), particularmente no Reino Unido, na Holanda e na Austrália. Como resultado, agora, sabemos mais acerca dos assaltos às lojas a retalho, embora o que sabemos ainda seja esparso. Seguidamente, indicamos os factos que já se encontram devidamente estabelecidos:

- Embora existam consideravelmente menos assaltos ao comércio a retalho que assaltos a residências, os riscos da ocorrência de assaltos a estas lojas, tendo em conta a quantidade de instalações existentes, continuam a ser muito altos. Por exemplo, um inquérito nacional britânico concluiu que, em 1993, 24% dos estabelecimentos de venda a retalho foram assaltados, comparado com somente 4% das residências.^{2,†} Isto é assim porque as lojas tendem a ficar vazias de pessoas durante a noite; poderão, se forem de grandes dimensões, proporcionar muitos pontos de entrada para os assaltantes; e poderão conter uma grande quantidade de bens de consumo (e, por vezes, dinheiro);

[†] Parece não existirem dados comparáveis nos EUA, embora, num estudo realizado, as taxas dos assaltos ao comércio (calculados tendo em conta o número de instalações em risco), numa grande cidade do nordeste, em 1968-69, concluiu-se que eram quase 10 vezes superiores às taxas dos assaltos a residências (Conklin e Bittner 1973).

- Muitos dos assaltantes de lojas de venda a retalho, e de residências, são jovens do sexo masculino que se dedicam a cometer uma diversidade de crimes predatórios. As entrevistas revelam que a sua principal motivação é económica, embora alguns assaltantes também aleguem que o fazem pelo gozo que sentem. Eles não perdem muito tempo a planear os assaltos, mas demonstram algum cuidado na seleção de alvos que sejam “seguros”. Eles alegam que são pouco dissuadidos pelas medidas de segurança física, mas que tentam evitar serem vistos. Muitos têm hábitos de consumo de drogas ou de álcool;³

- Um pequeno número de assaltantes de lojas a retalho costuma ser bastante prolífico, sendo os responsáveis por muitos dos assaltos. Alguns assaltantes de lojas a retalho são também mais sofisticados quanto ao planeamento e aos métodos que usam. Eles atuam em pequenos bandos e, geralmente, preocupam-se em desativar os alarmes, o que lhes permite permanecerem mais tempo nas instalações sem serem perturbados.

Eles almejam grande quantidade de bens e os cofres, chegando a removê-los por completo do local;

- *A maioria dos assaltos às lojas a retalho ocorre durante a noite, ou aos fins-de-semana, quando as lojas estão encerradas (enquanto que a maioria dos assaltos a residências ocorrem nas tardes dos fins-de-semana, quando é mais provável os moradores não estarem em casa);⁴*

- *Os assaltantes das lojas a retalho, geralmente, penetram nas instalações através de portas ou de montras/janelas. Eles arrombam as fechaduras das portas, penetram no interior arrombando portas ou painéis laterais, ou forçam/quebram janelas. A utilização de viaturas para rebentar portas ou montras (ram raiding) é muito menos comum;[†]*

† Por exemplo, o inquérito à vitimização comercial realizado pelo governo britânico em 1995 concluiu que somente 2% dos arrombamentos ocorrerem pelo método de "ram raid" (Mirlees-Black e Ross 1995).

- *Existem substanciais diferenças no risco de assalto entre as lojas, dependendo do local, das instalações, dos bens que vendem e da segurança que têm, ou não;*

- *Tal como com algumas residências, algumas lojas sofrem de uma substancial vitimização reiterada.⁵ Isto deve-se à sua localização, ou à falta de segurança, à atratividade dos seus bens, e ao facto de que os assaltantes, tendo tido sucesso uma vez, poderem vir atacar novamente as mesmas instalações. Os dados nacionais da Grã-Bretanha demonstram que 2% das instalações de venda a retalho sofreram um quarto dos assaltos aos retalhistas em 1993.⁶ A repetição de um assalto poderá ocorrer pouco tempo após o primeiro – habitualmente no prazo de um mês;⁷*

- *A média das perdas financeiras, devido aos assaltos, é de cerca de 20% maior para as lojas que para as residências. Talvez por esta razão, uma maior proporção de assaltos aos retalhistas (cerca de 95%) são denunciados à polícia, comparado com os assaltos a residências (80% a 85%).⁸ De acordo com um inquérito nacional britânico aos retalhistas, as lojas sofrem perdas similares tanto com os assaltos como com os furtos de artigos à venda e que, só muito raramente, recuperam os bens furtados;⁹*

- *Os assaltos, especialmente os assaltos reiterados, podem ter graves consequências para as lojas. Elas podem-se tornar insolventes e os donos, por vezes, vêm-se obrigados a despedir pessoal, a aumentar os preços, ou a encerrar as lojas. Os empregados pode vir a sofrer de efeitos psicológicos semelhantes aos das vítimas cujas residências foram assaltadas.¹⁰ Eles referem sentir que o seu espaço pessoal foi violado e temem que os ofensores possam voltar à loja quando ali estiverem;*

- *A não ser que os ofensores sejam apanhados em flagrante delito, eles são de muito difícil deteção. A taxa apurada ao total dos assaltos (os números relativos aos assaltos aos retalhistas não existem disponíveis) é a mais baixa dos oito indicadores criminais dos UCR (Uniform Crime Reports do FBI).*

Fatores que Contribuem para os Assaltos às Lojas a Retalho

A compreensão dos fatores que contribuem para o nosso problema local ajudar-nos-á a enquadrar as questões da nossa análise, a determinar as melhores medidas de eficácia, a reconhecer os pontos-chave da intervenção e a selecionar as respostas mais apropriadas.

Nem todas as lojas enfrentam os mesmos riscos de assalto: algumas situam-se em áreas com taxas de criminalidade baixas, e algumas não; algumas estão abertas durante períodos mais alargados, por vezes durante as 24 horas do dia; algumas vendem artigos que são menos atrativos para os ladrões, devido ao seu valor ou tamanho exagerado; algumas situam-se em locais onde beneficiam de uma constante vigilância, devido ao grande volume de tráfego de viaturas e de peões.

Os estudos tendem a confirmar aqueles fatores sobre os riscos de assalto, embora existam diversas razões para o porquê de se poderem extrair poucas conclusões definitivas:

- Como foi referido, só recentemente os estudiosos começaram a focar-se nos assaltos aos estabelecimentos de venda a retalho, pelo que ainda existe uma falta de estudos mais profundos (particularmente nos EUA) que tenham, adequadamente, medido os fatores de risco mais importantes;*
- Muitos dos fatores de risco estão inter-relacionados. Por exemplo, as lojas de venda de bebidas alcoólicas situadas em zonas deprimidas poderão estar sob maior risco devido à sua localização e aos produtos que vendem. Contudo, estando os proprietários mais cientes dos riscos a que estão expostos, eles poderão ter mais segurança no local que os donos de outras lojas de bairro, ou lojas de bebidas, situadas em áreas mais seguras. Para se distinguir estas relações é obrigatório que sejam realizados estudos mais abrangentes e complexos;*
- Muitos fatores de risco, como a resistência das grades das montras ou a facilidade em se conseguir conduzir viaturas até às traseiras de uma loja, são bastante subtis e difíceis de avaliar em inquéritos alargados;*
- Apesar do papel previsível de determinados fatores de risco, ainda continua a existir um considerável elemento de sorte, ou de oportunidade, nos assaltos e que é impossível de detetar nos estudos. Por exemplo, uma loja em particular poderá ser assaltada devido ao facto do ladrão ter ouvido um empregado a falar acerca de uma quebra temporária na segurança na loja.*

Por todas estas razões, ainda não somos capazes de indicar, com segurança, todos os fatores de risco relativos aos assaltos às lojas a retalho. Contudo, juntando todas as conclusões dos estudos realizados nos EUA e noutros países, podemos estar quase seguros de que os riscos variam consoante os seguintes fatores associados às lojas: a localização, as instalações, o tamanho, os bens vendidos, a antiguidade no negócio e as precauções de segurança.

Localização

Os estudos realizados nos EUA à criminalidade cometida contra os pequenos negócios de venda a retalho concluíram que as taxas relativas aos assaltos a estas lojas são maiores nos bairros situados em zonas decadentes do interior das cidades, sendo mais baixas nas pequenas cidades e nas zonas rurais. Isto, provavelmente, reflete as diferenças do número de ofensores que vivem perto das lojas.¹¹

Instalações

A presença de pessoas nas, ou perto das, lojas protege-as dos assaltos, variando este fator consoante a natureza das instalações. Por exemplo, diversos estudos sugerem que os supermercados isolados, que estão afastados da área da baixa das cidades, estão particularmente em risco, uma vez que os locais onde se encontram estão desertos durante a noite. Os supermercados que trabalham 24 horas por dia estão mais protegidos dos assaltos, devido à presença constante do pessoal que ali trabalha; já as pequenas lojas parece estar sob risco reduzido, porque existe a tendência de serem protegidas por seguranças privados durante as horas em que se encontram encerradas.† As lojas situadas nas zonas movimentadas das baixas das cidades, também, parecem ter baixo risco de serem assaltadas, de novo, devido à constante vigilância que é exercida por quem passa.¹²

† As lojas com bens de consumo atrativos poderão apresentar taxas de assalto maiores, mesmo que encerrem tarde (Mirlees-Black e Ross 1995).

Kip Kellogg



As lojas que trabalham 24 horas por dia estão protegidas dos assaltos devido à presença constante do pessoal.

Tamanho

Os inquéritos nacionais sobre a vitimização, realizados na Austrália e no Reino Unido, descobriram que as lojas mais pequenas apresentam menores taxas de assalto que as lojas maiores.¹³ Isto poder-se-á dever, em parte, à sua localização (as lojas das baixas das cidades têm tendência a serem de menor dimensão que aquelas situadas nos retail parks, ou nos centros comerciais) e, em parte, devido ao menor número de bens suscetíveis de serem furtados.

Bens Vendidos

Os estudos, claramente, reconhecem que os ladrões de artigos à venda (shoplifters) demonstram uma forte preferência pelos artigos que furtam, logo as lojas que vendem esses artigos estão particularmente em risco (ver o guia desta série denominado “Shoplifting”). Nos EUA, os shoplifters têm preferência por produtos de tabaco (particularmente cigarros), produtos de higiene e beleza, música gravada e vídeos e vestuário (em particular, de marca). Estudos mais limitados sobre os assaltos ao comércio a retalho demonstram preferências semelhantes, ¹⁴ com algumas variações previsíveis que resultam das diferenças entre o furto de artigos à venda e os métodos de assalto. Por exemplo, os assaltantes têm mais probabilidade de furtarem artigos eletrónicos, como videogravadores e televisões, que os shoplifters, os quais terão mais dificuldade em retirar tais artigos das lojas sem serem vistos. Uma comparação feita entre os artigos furtados nos supermercados pelos shoplifters e pelos assaltantes descobriu que ambos os grupos se focam nos cigarros, nas bebidas alcoólicas e nos produtos de higiene e beleza mas, como seria de esperar, os assaltantes furtam estes artigos em quantidade muito maior que os shoplifters. Os assaltantes, também, roubam os caixas multibanco das lojas.¹⁵

Antiguidade dos Negócios

Os negócios novos têm taxas de vitimização maiores que os negócios mais antigos.¹⁶ Isto poderá indicar que, as lojas, quanto mais tempo têm de atividade, mais experientes se tornam a prevenir o crime – ou que a sobrevivência da loja depende da sua capacidade de resistir ao crime.

Precauções de Segurança

As lojas sob maior risco de assalto tendem a adotar mais precauções de segurança mas, embora estas precauções possam reduzir o risco de assalto, elas não o conseguem eliminar por completo. É o caso, também, das lojas que, frequentemente, aumentam a segurança após terem sido assaltadas. Estes factos poderão ajudar a explicar a razão de alguns estudos terem encontrado pouca relação estatística entre as precauções de segurança das lojas e as suas respetivas taxas de assalto.¹⁷ Contudo, as avaliações a projetos recentes de prevenção criminal levados a cabo na Grã-Bretanha (O projeto “Safer Cities” e a “Small Business and Crime Initiative”) concluíram que o melhoramento da segurança nas lojas recentemente assaltadas poderá contribuir para reduzir a repetição dos assaltos e, como resultado, as taxas gerais dos assaltos nas áreas-alvo.¹⁸ Acrescentando, alguns estudos evidenciam a eficácia de determinadas medidas, como a instalação de alarmes e a contratação de segurança privada. Embora, com frequência, as provas fiquem aquém do que seria desejável, as evidências existentes são passadas em revista na secção “Respostas ao Problema dos Assaltos ao Comércio a Retalho” abaixo.

Compreender o Nosso Problema Local

A informação fornecida acima é somente uma descrição generalizada dos assaltos ao comércio a retalho. Deveremos combinar os factos básicos com uma compreensão mais específica do nosso problema local, se tivermos a intenção de desenvolver uma resposta eficaz. Na maioria dos casos, o nosso problema com os assaltos, provavelmente, envolverá um grupo de lojas, como aquelas situadas na baixa da cidade, ou num determinado centro comercial. Noutros casos, o nosso problema poderá estar relacionado com lojas que são, em geral, do mesmo tipo (digamos, farmácias, ou lojas de venda de material de escritório).[†] Se o problema envolver uma única loja (a não ser que seja uma loja de grandes dimensões) poderemos lidar com ele, mais adequadamente, aconselhando sobre as rotinas de prevenção criminal, em vez de levar a efeito um projeto abrangente de policiamento orientado para a resolução do problema. É provável que a nossa análise se venha a focar sobre os diferentes riscos de assalto entre o grupo de lojas e sobre as razões dessas diferenças. A nossa análise deve tratar dos riscos de repetição da vitimização, uma vez que determinadas respostas eficazes se focam nas vítimas reiteradas. Devemos ter em mente que, nos registos dos estabelecimentos comerciais, determinada loja poderá encontrar-se sob um nome diferente do da sua designação comercial. Frequentemente, também, os registos encontram-se desatualizados, pelo que poderemos necessitar de elaborar a nossa própria listagem.

[†] Cada uma destes diferentes tipos de assalto ao comércio a retalho merece o seu próprio guia, mas a informação disponibilizada aqui deverá ser suficientemente abrangente para nos prestar assistência em qualquer dos casos.

Em geral, deveremos procurar determinar: que tipos de ofensores estão envolvidos; que tipos de lojas são alvos; de que forma os ofensores conseguem aceder às lojas; como lidam com as medidas de segurança e; finalmente, como é que eles se descartam dos bens furtados. O conhecimento destes fatores ajudar-nos-á a conceber uma resposta eficaz para o problema.

As participações criminais da polícia, ou os dados das chamadas de serviço, não fazem a distinção, no geral, entre os diferentes tipos de assaltos cometidos, para além dos que são cometidos em residências. Os assaltos às lojas a retalho costumam ser agrupados juntamente com os assaltos às escolas, aos centros médicos, aos escritórios e aos estaleiros de construção civil. Consequentemente, a recolha de Informações sobre o nosso problema local poderá ser trabalhosa. Ela obriga a uma cuidadosa revisão dos registos policiais e á identificação das ocorrências de assalto no comércio a retalho. Felizmente, a grande maioria dos assaltos às lojas a retalho são denunciados à polícia, mas continua a ser difícil identificar-se os assaltos reiterados, porque as localizações poderão não estar a ser sistematicamente registadas. Por exemplo, o nome da loja pode ter sido incluído nalgumas participações criminais e o seu endereço, somente, noutras.

Ainda por cima, muitos dos detalhes importantes acerca do tipo de negócio, dos locais de entrada e da natureza dos prejuízos, poderão não estar referidos. Por isso, deveremos tentar recolher, sistematicamente, Informações acerca destes detalhes, utilizando outras fontes de dados. Uma vez que a recolha e a análise de dados poderá ser demorada e envolver problemas técnicos, deveremos procurar ajuda junto de uma universidade local, especialmente junto do

departamento de justiça criminal. Os métodos de recolha de dados, que poderão fornecer informações úteis, incluem os seguintes:

- **Entrevistar os donos, ou os gerentes.** Podemos obter muita informação valiosa ao entrevistarmos os donos ou os gerentes das lojas, utilizando um conjunto normalizado de questões. Devemos inquirir acerca da ocorrência, das consequências do assalto, das medidas de segurança que existiam na altura do assalto, e sobre as medidas subsequentemente introduzidas. A não ser que estejamos a lidar com um grande número de lojas, deveremos tentar realizar entrevistas presenciais, uma vez que delas, geralmente, resultam informações valiosas que não estão, diretamente, ligadas às questões. Os inquéritos pelo correio ou de auto-preenchimento sofrem de baixas taxas de participação e de informações que se perdem;
- **Rever os registos da loja.** Algumas lojas, particularmente as lojas de muito grandes dimensões, ou as cadeias de lojas, mantêm registos dos assaltos;
- **Rever os registos da empresa de segurança.** As grandes empresas de segurança privada, geralmente, mantêm registos dos assaltos às instalações dos seus clientes. Para além de solicitar a revisão daqueles registos, poderemos entrevistar os seguranças privados que estão familiarizados com o grupo de lojas em questão, uma vez que eles, com frequência, conhecem até que ponto uma determinada loja está, ou não, a ser séria acerca da forma como encara a segurança;
- **Realizar inquéritos locais.** Deveremos realizar inquéritos junto das lojas que têm sido assaltadas. Estes inquéritos deverão determinar a localização da loja no conjunto dos edifícios, a(s) entrada(s) das traseiras da loja, os negócios existentes junto da loja, a quantidade de vigilância natural e a iluminação exterior que a loja dispõe, a distância a que a loja fica das ruas principais, e todas as outras variáveis relativas aos riscos de assalto (ver "Alvos" sob o título "Fazer as Perguntas Certas" abaixo);



Os inquéritos locais às lojas deverão incluir uma avaliação da vigilância natural, da iluminação e da segurança das entradas das traseiras da loja.

- **Fazer um mapeamento computadorizado das ocorrências.** O mapeamento computadorizado dos assaltos às lojas a retalho pode vir a revelar os padrões de risco e poderá sugerir-nos as possíveis razões desses padrões. Por exemplo, os assaltos poderão estar aglomerados nas imediações da zona de um bar, de um local de tráfico de droga, ou de um centro coordenador de transportes. Ou, uma grande aglomeração de assaltos poderá indicar que um assaltante prolífico reside nas imediações.

O mapeamento dos endereços dos ofensores mais prolíficos, relacionando-os com os aglomerados de ocorrências, poderá, também, ser de grande ajuda;

- **Entrevistar os investigadores de assaltos.** *Se os investigadores de assaltos não fizerem parte da nossa equipa de projeto, devemos garantir a sua entrevista. Eles podem ser detentores de conhecimentos valiosos que obtiveram ao lidar diariamente com os casos de assalto a lojas de venda a retalho;*

- **Entrevistar os assaltantes.** *As entrevistas sistemáticas aos assaltantes que foram detidos podem fornecer informações úteis acerca dos métodos de assalto e das formas como se descartam dos bens furtados.¹⁹ Aqui, poderá ser bastante importante a assistência de uma universidade local, uma vez que os ofensores, geralmente, falam mais abertamente com os investigadores que não são polícias.*

Fazer as Perguntas Certas

De seguida apresentamos algumas questões fundamentais que deveremos tentar responder ao analisar o nosso problema particular de assaltos às lojas a retalho. As nossas respostas, para estas e outras questões, ajudar-nos-ão a escolher, mais tarde, o mais apropriado conjunto de respostas.

Ofensas

- *Qual é a taxa percentual dos assaltos ao comércio a retalho?*
- *Com que frequência são recuperados os bens furtados?*
- *Qual é o ratio entre os assaltos tentados e os consumados?*
- *Quais são, usualmente, os pontos de entrada ou os métodos utilizados?*
- *Qual a proporção dos assaltos que foram repetições, no ano transato?*
- *Qual é, tipicamente, o período de tempo que decorre entre as repetições de assalto?*
- *Quanto tempo demora, em média, os assaltos a serem cometidos? Durante quanto tempo os assaltantes permanecem no edifício/na propriedade?*
- *Qual a quantidade, típica, dos prejuízos (valor em dinheiro dos bens furtado, dos custos de reparação, da inatividade do negócio, do aumento do prémio dos seguros)?*
- *Que proporção dos assaltos (e das tentativas) são denunciados à polícia?*

Ofensores

- *Existem muitos e diferentes ofensores envolvidos, ou os responsáveis pelos assaltos constituem um pequeno grupo de ofensores prolíficos?*
- *Qual a quantidade de ofensores prolíficos que têm registo criminal de cometerem assaltos a lojas a retalho? Quantos deles foram, recentemente, soltos da prisão?*
- *Qual a quantidade de planeamento que os ofensores costumam fazer?*

- *Eles Atuam como gangue? Quantos ofensores são membros de gangues?*
- *Eles pertencem a algum grupo étnico, ocupacional, ou de outro gênero em particular?*
- *Qual a proporção dos que cometem assaltos, principalmente devido à necessidade de manter as suas dependências de álcool ou de droga?*
- *Qual a proporção dos que são jovens?*
- *Será que eles parecem conhecer as instalações assaltadas? Se sim, como é que eles obtiveram essas informações?*
- *De onde é que eles vêm e como é que eles chegam aos locais do assalto? Apeados? Transportados em viaturas?*
- *Eles foram atraídos para a área devido às oportunidades de assalto, ou por quaisquer outras razões?*
- *Eles são especialistas em estabelecimentos comerciais ou, mais precisamente, em estabelecimentos de venda a retalho?*
- *Como é que eles se descartam dos bens furtados (trocam-nos por droga, vendem-nos nas casas de penhores ou nas feiras de velharias, vendem-nos a outros comerciantes do mesmo ramo de negócios, etc.)?*

Alvos

- *Quais os tipos de lojas que estão expostas a maior risco de assalto? Quais as lojas que não são assaltadas?*
- *Quais os artigos que os assaltantes furtam? Eles estão a preferir furtar dinheiro?*
- *Quais as lojas que estão a ser reiteradamente assaltadas? O que é que elas têm em comum?*
- *Há quanto tempo as lojas estão em funcionamento?*
- *Qual é a dimensão das lojas? Serão elas parte de uma cadeia de lojas? Se sim, em que é que diferem, entre as lojas da mesma cadeia, as suas experiências de sofrerem assaltos? Em que é que isto se compara com as lojas similares de outras cadeias?*
- *Qual é o horário de encerramento das lojas? Existem outros negócios nas imediações que funcionam durante a noite, ou aos fins-de-semana?*
- *A propriedade está isolada? A falta de vigilância natural é um fator contributivo?*
- *Quais são as características do local que facilitam os assaltos? A sua localização junto a cruzamentos, ou entroncamentos? O acesso pelas traseiras?*
- *O descuido da vítima é um dos fatores contributivos?*
- *Quais as estruturas da propriedade que estão sob maior risco?*
- *Como é que os assaltantes, tipicamente, entram nas instalações?*
- *Com que frequência eles desativam os sistemas de alarme?*
- *Que medidas de segurança as lojas adotaram de forma a prevenir os assaltos? Que medidas especiais elas adotaram para proteger as mercadorias/equipamentos mais valiosos/?*
- *Os empregados seguem os procedimentos mais corretos de manuseio de dinheiro?*
- *Existem evidências de conluio entre o pessoal e os assaltantes?*
- *Os seguranças privados fazem rondas/conferências às lojas durante a noite? Será que eles vistoriam cuidadosamente as áreas mais vulneráveis das lojas?*

Locais/Tempo

- *Quando é que, usualmente, os assaltos ocorrem (altura do dia, dia da semana, mês, época do ano)?*
- *Qual é a natureza dos bairros circunvizinhos?*
- *Será que o problema é parte de um problema mais abrangente de assaltos ao comércio que está a afetar toda a área, ou jurisdição?*
- *Onde é que as ocorrências se estão a concentrar? Elas estão a aglomerar-se perto das estradas mais movimentadas?*

Medir a Nossa Eficácia

As medições permitem-nos determinar até que ponto os nossos esforços tiveram sucesso e sugerem-nos a forma como poderemos modificar as nossas respostas, no caso de elas não estarem a produzir os resultados pretendidos. Devemos avaliar o nosso problema antes de implementarmos as respostas, para determinar a gravidade do problema, e após termos implementado as respostas, para determinar até que ponto elas foram eficazes. Todas as medições devem ser realizadas tanto na área-alvo como na área circundante. (Para uma orientação mais detalhada sobre como medir a eficácia, veja o guia desta série denominado “Assessing Responses to Problems: An Introductory Guide for Police Problem-Solvers”.)

As seguintes medições “conclusivas” poderão ser úteis para se avaliar até que ponto a implementação das nossas respostas causou impacto no problema dos assaltos às lojas a retalho:

- *Reduções no número de assaltos no comércio a retalho e nas chamadas de serviço relacionadas;*
- *Menor número de vítimas e de ofensores reiterados;*
- *Reduções no número de assaltos – bem como nos prejuízos decorrentes e nos pedidos de indemnização aos seguros;*
- *Reduções do número de encerramentos de lojas, como resultado dos assaltos; e*
- *Maior perceção de segurança entre os proprietários e gerentes das lojas, entre o pessoal de outros negócios e entre os moradores (se a área for de utilização mista).*

Acrescentando, o “processo” de medição poderá fornecer algumas indicações sobre em que medida as respostas selecionadas estão a ser devidamente implementadas:

- *Aumento das detenções, das acusações e das condenações de assaltantes de lojas a retalho; e*
- *Maior proporção de lojas a seguirem os procedimentos de segurança normalizados, instalando equipamentos de segurança e/ou utilizando serviços de segurança privada.*

Respostas ao Problema dos Assaltos ao Comércio a Retalho

A nossa análise ao problema local deverá dar-nos uma melhor compreensão dos fatores que contribuem para a sua existência. Uma vez analisado o problema e estabelecidas as diretrizes para se medir a eficácia, deveremos ter em consideração as possíveis respostas destinadas a tratar do problema.

As respostas discutidas abaixo fornecem uma base ideológica para se tratar do problema. Estas respostas foram extraídas de uma diversidade de estudos e de relatórios policiais. Várias delas poderão aplicar-se ao nosso particular problema. É de importância fundamental que as respostas sejam concebidas de acordo com as circunstâncias locais e que possamos justificar cada resposta com base em análises confiáveis.

Na maioria dos casos, uma estratégia eficaz envolverá a implementação de várias diferentes respostas. As respostas baseadas exclusivamente na aplicação da lei, por si só, têm-se mostrado pouco eficazes para reduzir ou para solucionar o problema: deveremos, cuidadosamente, ter em consideração quem mais, na comunidade, partilha responsabilidades quanto ao problema e que possa ajudar a polícia a melhor responder ao mesmo. Construir uma parceria com os vários interessados poderá ser essencial para o sucesso. Por exemplo, se for decidido atingir os assaltantes que fazem deste tipo de crime a sua profissão, poderemos vir a necessitar da ajuda dos agentes de reinserção social que acompanham o comportamento dos ofensores em liberdade condicional, ou dos magistrados do ministério público para que promovam sentenças de prisão adequadas. Se pensarmos que a iluminação das ruas deverá ser melhorada, necessitaremos da ajuda do município e da companhia de eletricidade. Acima de tudo, precisaremos de persuadir os donos das lojas a retalho, individualmente, para que adotem as medidas de segurança que, com toda a certeza, achamos necessárias. As associações comerciais do comércio a retalho poderão ajudar a garantir o comprometimento dos retalhistas.

Devemos ter em atenção que as cadeias de lojas poderão necessitar da aprovação, por parte dos gestores de topo da firma, de quaisquer novas medidas de segurança. As cadeias de lojas, provavelmente, disporão de um departamento de segurança próprio, e poderá ser necessário convencer o pessoal da segurança de que as alterações às práticas da companhia são necessárias para ir ao encontro das condicionantes locais. Por outro lado, os departamentos de segurança poderão ajudar-nos a formular as nossas respostas, ou a colocar-nos em contato com os especialistas locais de prevenção de danos.

Várias outras importantes considerações deverão guiar a escolha das nossas respostas:

- Deveremos prestar uma particular atenção aos assaltos reiterados, já que focarmos neles pode resultar em importantes dividendos, tanto para a deteção como para a prevenção;*
- Não deveremos dar demasiada ênfase ao assalto em si mesmo, uma vez que este ato é, somente, o primeiro estágio do crime. Os assaltantes, subsequentemente, vendem*

ou trocam os bens furtados, o que nos conduz à necessidade de possíveis novas respostas;

- *Deveremos estar alerta para a possibilidade de uma deslocalização do problema como resultado da implementação de algumas respostas. Em particular, poderemos esperar alguma deslocalização para outras lojas, à medida que as lojas que foram assaltadas aumentam a sua segurança. Se as nossas respostas tiverem sucesso, também, poderemos esperar alguma deslocalização para as áreas circunvizinhas e que caem fora da alçada das nossas medidas. Contudo, as pesquisas demonstram que os ofensores, tipicamente, não se deslocam para muito longe e que a deslocalização geográfica costuma ser limitada. É, igualmente, o caso quando as lojas com os bens mais atrativos aumentam a sua proteção os assaltantes não, necessariamente, irão atacar outras lojas com bens menos atrativos. Finalmente, os estudos realizados chegaram à conclusão que proteger a totalidade de uma determinada área contra os assaltos pode resultar numa “difusão” de benefícios nas áreas circunvizinhas se, igualmente, resultarem numa diminuição das suas taxas de assalto;*²⁰

- *Não nos devemos esquecer que, assim que esteja concluído o nosso projeto orientado para a resolução do problema e logo que nos viremos para outros deveres, algumas das respostas que introduzimos poderão não continuar a ser sustentadas. Existe o perigo acrescido de que uma redução nos assaltos venha a induzir uma certa complacência e leve a crer que o problema foi ultrapassado. Existem diversas maneiras para se lidar com estas ameaças, † mas uma das mais importantes consiste em se fazerem alterações relativamente permanentes ao ambiente físico, alterações estas cuja eficácia não dependa de ter uma retaguarda humana. Por exemplo, a implementação de um programa de vigilância às lojas e um fortalecimento das suas portas/janelas poderão, ambas, resultar numa redução inicial dos assaltos, mas os seus efeitos posteriores, provavelmente, não durarão.*

As respostas discutidas abaixo estão organizadas sob três principais cabeçalhos, de acordo com os grupos que desempenham os principais papéis na sua implementação: a polícia, os retalhistas e o município/governo local. Começa a tornar-se claro que as evidências dos estudos, acerca da eficácia de muitas das respostas, não são confiáveis e, por vezes, são inconsistentes. Se faltarem evidências diretas da eficácia de uma determinada resposta, a sua avaliação deverá ser orientada pela aceitação dos princípios da prevenção criminal.

[†] Para uma revisão e discussão recentes, ver Novak e outros (1999).

^{††} Para uma explicação, ver Curtin e outros (2001).

Respostas Policiais

1. **Apontar como alvo os ofensores reiterados.** *As operações policiais de limpeza (rusgas, buscas) podem resultar em reduções da criminalidade, mas estas reduções podem não durar muito tempo. Os estudos demonstram que após a saída da polícia, frequentemente, tudo “regressa ao normal” para os ofensores.^{††} Contudo, um estudo recentemente publicado concluiu que uma operação policial realizada contra os*

assaltantes mais prolíficos de uma localidade na Inglaterra, seguida de uma fase de “consolidação” na qual as propriedades sob maiores riscos adotaram medidas de fortalecimento de alvos, resultaram numa redução das taxas de assalto a residências nessa mesma comunidade. A operação policial não foi do tipo habitual, envolvendo uma enorme presença policial num determinado bairro. Em vez disso, ela envolveu a concentração da atenção da polícia sobre – incluindo uma intensificação das investigações a – os suspeitos de cometerem assaltos naquela localidade. A polícia identificou, interveio e deteve 14 dos suspeitos, de entre o conjunto dos assaltantes locais mais prolíficos, resultando numa redução de 60% nos assaltos. Como resultado, não surgiram evidências de deslocalização dos assaltos para outros crimes ou para as áreas circunvizinhas; de facto, a quantidade de furtos de viaturas diminuiu, na área da operação, e os assaltos nas áreas circunvizinhas caíram 50%, sugerindo que os ofensores detidos, também, eram os responsáveis por muitos daqueles crimes.²¹ Uma combinação de operações policiais e de medidas de consolidação, no mesmo sentido, poderá ser igualmente eficaz para reduzir os assaltos ao comércio a retalho. ++

2. Apontar como alvo as lojas reiteradamente assaltadas. Existe um enorme conjunto de evidências demonstrativas de que uma focalização, por parte da polícia e dos recursos de prevenção criminal, sobre as residências reiteradamente assaltadas pode resultar num substancial declínio nos assaltos. Benefícios semelhantes poderão ser obtidos através de uma concentração dos recursos de prevenção sobre as lojas reiteradamente assaltadas.²² Os estudos, também, sugerem que os assaltos reiterados são, frequentemente, cometidos por ofensores altamente prolíficos, os quais, com frequência, regressam ao mesmo local pouco tempo após o assalto inicial. A utilização de medidas de curto prazo, focadas nas lojas recentemente assaltadas, poderá resultar na detenção desses ofensores. Tal como com a colocação de patrulhamento direcionado, tais medidas poderão incluir a utilização de dispositivos de alta-tecnologia, como sejam as câmaras de videovigilância portáteis e disfarçadas (CCTV) (as quais registam imagem e som somente durante o seu funcionamento); alarmes silenciosos portáteis (os quais alertam a polícia assim que são ativados); alarmes de proximidade (os quais são audíveis quando as instalações são abordadas por uma determinada direção); e "armadilhas forenses" (como os tapetes tratados quimicamente que “apanham” as pegadas dos intrusos). +++

++ Para uma avaliação abrangente dos programas dedicados aos ofensores reiterados, ver Spelman (1990).

+++ As experiências com estes dispositivos de alta-tecnologia é limitada, até agora, mas parece que eles poderão colocar inúmeros problemas técnicos. Por exemplo, os donos/empregados de uma loja, frequentemente, esquecem-se de ativar os dispositivos quando saem à noite, ou esquecem-se que os ativaram quando regressam à loja (Taylor 1999). Tal como os alarmes de intrusão convencionais, os alarmes de intrusão portáteis também colocam o problema dos alarmes falsos (ver o guia deste série denominado “False Burglar Alarms”).

3. Desmantelar os mercados de bens furtados. Conhece-se muitíssimo pouco acerca da forma como os ofensores se descartam dos bens furtados, e muitíssimo pouco é feito para serem desmantelados os mercados de compra e venda daqueles bens. É verdade que, em muitas jurisdições, os penhoristas são obrigados a comunicar à polícia todos os bens que recebem. Embora a eficácia desta obrigação não tenha sido adequadamente avaliada, os melhores programas parecem ser aqueles em que os registos dos penhoristas são feitos

automaticamente, sendo descarregados diariamente para a polícia, e onde os mesmos dados são submetidos a uma procura automática confrontando-os com os registos da base de dados da polícia para a procura de propriedade furtada. De qualquer forma, os assaltantes podem-se descartar dos bens furtados de muitas outras maneiras, incluindo vendê-los a quem passa na rua, ou a amigos ou conhecidos, através de anúncios nos jornais, ou em bares e clubes, trocando-os por droga, ou mesmo vendendo-os porta-a-porta. Os assaltantes também os vendem a pequenas lojas, pelo que a polícia, em muitas áreas, tem realizado operações relâmpago nas quais são visadas as lojas de venda de produtos usados. A popularidade deste tipo de operações policiais parece ter decaído, porque são dispendiosas e demoradas e porque os estudos sugerem que elas poderão conduzir a uma afluência da criminalidade para as áreas circundantes.²³ As estratégias alternativas para combater as vendas de bens furtados às lojas incluem: (1) a realização de vigilância às lojas suspeitas existentes na área, para se conseguirem provas de que os ladrões entram nas mesmas e efetuam as vendas, de forma a poderem-se acusar tanto os ladrões como os recetadores; (2) encorajar as lojas que compram bens usados a colocarem avisos a informar que fazem parte de um programa de prevenção criminal destinado a reduzir as vendas de bens furtados; e (3) implementar posturas locais que obriguem as lojas a só comprarem bens a quem prove serem de sua propriedade.²⁴

4. Estabelecer programas de vigilância aos negócios/lojas. Apesar da sua popularidade, existem poucas evidências que os programas de vigilância de bairro sejam eficazes para dissuadir os assaltos. Da mesma forma, existem poucas evidências de que os programas de vigilância de negócios/lojas produzam resultados tangíveis, para além de alguns, possíveis, benefícios em termos de relações públicas.²⁵ Estes programas, também, são difíceis de estabelecer.²⁶ Um maior sucesso poderá ser obtido através da implementação de programas de vigilância a negócios/lojas altamente localizados, de forma a encorajar as lojas próximas a uma que foi recentemente assaltada a exercerem uma vigilância acrescida durante um mês ou dois.

Ações dos Retalhistas

5. Atualizar a segurança externa. Esta opção de fortalecimento de alvos cobre uma variedade de medidas, incluindo:

- O fortalecimento de fechaduras e o reforço de portas e janelas/montras;
- A instalação de vidros endurecidos, persianas metálicas ou grelhas nas janelas/montras;
- A instalação de videovigilância para monitorizar os possíveis pontos de entrada;
- A instalação de iluminação de segurança nos pontos de entrada; e
- A instalação de pilares de cimento armado ou de plantas decorativas para prevenir os assaltos pelo método de “ram raiding”.

Kip Kellogg

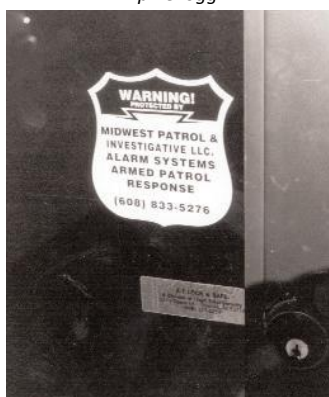


A instalação de pilares, postes ou vasos com plantas na frente das portas das lojas ajuda a prevenir os assaltantes de arrombarem as portas com viaturas.

Como já foi mencionado, as evidências provenientes dos estudos realizados, no tocante ao valor daquelas medidas, são indistintas e inconsistentes. Os assaltantes costumam dizer que acham que aquelas medidas são um pequeno obstáculo à sua ação e, do ponto de vista da polícia, elas poderão resultar em pequenos benefícios se, meramente, deslocalizarem os assaltos para outras lojas. As autarquias locais poderão resistir a autorizar algumas daquelas medidas, nomeadamente quando se tratam de persianas metálicas e de iluminação de segurança, uma vez que poderão tornar uma área menos atrativa.²⁷

Dito isto, existem evidências (embora limitadas), provenientes dos estudos mais recentes, de que o endurecimento de alvos pode ser eficaz para prevenir os assaltos a determinadas instalações e se for entendido aplicarem-se estas medidas, de forma generalizada, elas poderão igualmente proteger a totalidade de uma determinada área.²⁸ Quais as medidas a serem utilizadas e em que lojas depende da diversidade das considerações relativas aos seus custos, à sua conveniência e à estética das mesmas; poderá ser necessário o aconselhamento de um consultor de segurança.

Kip Kellogg



Os alarmes contra intrusão, as patrulhas de segurança privadas e os cofres para guardar as mercadorias mais valiosas, juntamente com a colocação de avisos a informar de que estão em funcionamento aqueles dispositivos de segurança, pode ajudar a reduzir os assaltos às lojas a retalho.

6. Instalar alarmes de intrusão. Muitas lojas dispõem de alarmes contra intrusão, uma vez que os estudos sugerem que os mesmos podem, com eficácia, proteger as instalações dos assaltos.²⁹ Um estudo chegou à conclusão que as áreas com um grande número de instalações dispo de alarmes contra intrusão apresentam taxas mais baixas de assalto.³⁰ Contudo, muitos alarmes contra intrusão apresentam taxas altíssimas, e inaceitáveis, de falsos alarmes e, também, os ladrões mais sofisticados conseguem desativá-los. Diferentes sistemas variam

consideravelmente em termos de custos, tanto para os proprietários como para a polícia. Para mais informações sobre este tópico, ver o guia desta série denominado “False Burglar Alarms”.

7. Guardar o dinheiro e os stocks mais valiosos. Esta abordagem cai na categoria de prevenção situacional que apelidamos de “remoção de alvos”. Ela inclui:

- Remoção dos artigos de grande valor das montras e expositores;
- Esconder os artigos mais valiosos;
- Minimizar os stocks, mantendo somente aqueles estritamente necessários para entrega imediata;
- Utilizar cofres e armários fechados para guardar os artigos mais valiosos em armazém;
- Marcar os bens mais valiosos, como os computadores, com números de identificação difíceis de remover e facilmente identificáveis;
- Depositar o dinheiro nos bancos, diariamente; e
- Deixar as caixas registadoras abertas e sem dinheiro durante a noite (para evitar serem arrombadas e destruídas).

Embora estas técnicas sejam boas práticas de segurança, nada se sabe dos estudos acerca da sua eficácia para prevenir os assaltos aos estabelecimentos a retalho. Contudo, a redução das quantias em dinheiro é um método de prevenção dos roubos bastante bem provado. Inclusive, a remoção dos medidores de combustível, acionados por meio de moedas, das casas britânicas provou-se ser uma maneira de evitar os assaltos a residências.³¹

8. Encerrar as escapatórias. É uma boa prática de segurança tornar difícil a saída de uma loja após o horário de encerramento, assim como a sua entrada. (As saídas de emergência não devem ser fechadas durante o normal período comercial, ou quando a loja se encontra de alguma forma ocupada). Ao sair à noite, os gerentes da loja deverão desligar a energia elétrica que alimenta as portas da zona de carga e devem garantir que as restantes portas e janelas não podem ser abertas pelo interior.

9. Investigar e formar o pessoal da loja. Constitui boa prática de segurança (quando a lei o permite) investigar os candidatos a empregado através do seu registo criminal. É, também, uma boa prática formar o pessoal sobre as medidas de segurança, para clarificar as suas responsabilidades (particularmente sobre as medidas de segurança mais cruciais) e para encorajar o seu envolvimento – por exemplo, manter sob vigilância os comportamentos suspeitos e as viaturas desconhecidas.

Kip Kellogg



As patrulhas da segurança privada, em toda a área dos grandes centros comerciais, ajudam a reduzir os assaltos às lojas a retalho localizados no interior e nas imediações dos mesmos.

10. Empregar seguranças privados após o horário de encerramento. Os assaltantes referem que os seguranças privados são a maior ameaça às suas atividades.³² Os seguranças privados costumam ser empregues na generalidade dos grandes centros comerciais e nos retail parks, os quais ajudam às relativas baixas taxas de assalto que as lojas neles situadas sofrem. Uma alternativa adotada, por algumas grandes lojas, consiste no emprego de equipas noturnas que tratam da limpeza, da reposição de stocks e da arrumação e apresentação dos artigos à venda. A loja está protegida dos assaltos enquanto este trabalho necessário é desenvolvido.

11. Usar a Prevenção Criminal Pela Conceção Ambiental – PCPCA (CPTED, no original). A PCPCA advoga a alteração da paisagem e a conceção dos espaços no sentido de: (1) desencorajar o acesso indiscriminado de pessoas, exceto a quem interessa; (2) permitir a rápida referenciação dos intrusos e; (3) estabelecer as fronteiras entre a propriedade privada e a pública. Embora os estudos forneçam poucas indicações sobre a forma como a PCPCA é eficaz, especificamente para reduzir os assaltos aos estabelecimentos a retalho, os princípios gerais desta abordagem são amplamente aceites.³³ Se as lojas na nossa área estão a pensar em fazer remodelações importantes, ou em construir novas instalações, eles deverão ter em consideração a incorporação de estratégias baseadas na PCPCA de forma a reduzirem os riscos futuros de assalto. Um inquérito baseado na PCPCA poderá ser realizado à totalidade de uma determinada área comercial, não somente a um negócio em particular. Se um conjunto de lojas, ou uma zona comercial, concordar em pagar a um especialista em PCPCA para realizar um inquérito nesse sentido e para recomendar melhoramentos, os custos serão mínimos. Informações sobre a PCPCA (CPTED) podem ser obtidas através do National Crime Prevention Council (www.ncpc.org/cpted.htm) e da International CPTED Association (www.cpted.net).

Medidas de Planeamento das Autarquias

12. Melhorar a vigilância das ruas através da iluminação e da videovigilância. Os assaltantes de lojas preferem os alvos que são pouco vigiados, ³⁴ sendo de esperar que evitem as ruas bem iluminadas[†] e aquelas que dispõem de videovigilância. Consistente com isto, um estudo britânico descobriu uma grande redução nos assaltos a lojas após a introdução de videovigilância em três áreas da baixa de uma cidade, ³⁵ e um estudo realizado em Portland, no Oregon, descobriu que o melhoramento da iluminação numa zona comercial originou uma significativa redução dos assaltos nas lojas a retalho.³⁶ Tal como em todas as medidas de segurança, a iluminação deve ser cuidadosamente concebida de forma a darem o máximo de benefícios sem custos desnecessários. ^{††}

[†] As associações estatais, ou de condado, dedicadas à prevenção criminal poderão fornecer contributos para custear os melhoramentos na iluminação.

^{††} Para uma discussão do assunto, ver Poyner e Fawcett (1995), e Painter e Tilley (1999).

13. Promover a “habitação por cima da loja”. Num esforço para revitalizar as áreas da baixa das cidades e de forma a fornecer vigilância durante a noite às lojas a retalho, o governo britânico encontra-se a patrocinar um programa que encoraja as pessoas a habitarem os espaços vagos por cima das lojas. O programa, que tem sido adotado por muitas vilas e cidades, tem o benefício adicional de aumentar o fornecimento de habitações a baixo custo.³⁷

Uma recente avaliação, baseada em entrevistas realizadas a uma diversidade de partes interessadas, descobriu que muitas pessoas apoiavam o programa e acreditam que ele ajuda a reduzir a criminalidade nas baixas das cidades.

14. Promover zonas de melhoramento de negócios (Business Improvement Districts – BID's).

Muitas cidades dos EUA criaram os chamados BID's que são formados por coligações de comerciantes locais. O objetivo é o de promover os investimentos em áreas comerciais em declínio. As iniciativas similares da Grã-Bretanha têm a designação de "Town Center Management" (TCM). Um dos objetivos importantes de muitos dos BID's[†] é o de reduzir o crime e o medo do crime. Com esta finalidade, as iniciativas poderão incluir o melhoramento da iluminação das ruas, a instalação de sistemas de videovigilância públicos, a regular limpeza dos graffiti e a reparação do que foi vandalizado, as patrulhas dedicadas da polícia e de seguranças privados e a formação de uma força de "guardas da cidade" para fornecer uma presença nas ruas e para dar assistência a visitantes e a turistas. Regularmente, são efetuadas avaliações às BID's nos EUA.³⁸

† Embora, aparentemente não tanto como a maioria dos esquemas TCM (Beck e Willis 1995)

Anexo: Sumário das Respostas aos Assaltos às Lojas a Retalho

A tabela abaixo sumariza as respostas aos assaltos às lojas a retalho, o mecanismo pelo qual se pretende que funcionem, as condições sob as quais elas funcionarão melhor e alguns dos fatores que devemos ter em consideração antes de implementarmos uma resposta em particular. É crucial que as respostas sejam concebidas de acordo com as circunstâncias locais e que possamos justificar cada resposta com base em análises confiáveis. Na maioria dos casos, uma estratégia eficaz envolverá a implementação de várias diferentes respostas. As respostas baseadas exclusivamente na lei, por si só, são pouco eficazes na redução ou na resolução do problema.

<i>Resposta N.º</i>	<i>Página N.º</i>	<i>Resposta</i>	<i>Como funciona</i>	<i>Funciona melhor...</i>	<i>Considerações</i>
Respostas Policiais					
1.	23	<i>Focar a atenção nos ofensores reiterados</i>	<i>Incapacita os ofensores que são responsáveis por uma grande proporção dos assaltos</i>	<i>...se a polícia conseguir identificar com segurança os criminosos habituais; se existir uma grande proporção de assaltos repetidos; se os tribunais estiverem dispostos a aplicar sentenças alternativas à prisão; e se as operações policiais forem consolidadas de alterações concetuais ao ambiente</i>	<i>Obriga à cooperação dos magistrados do MP, dos tribunais, dos departamentos de reinserção social e dos departamentos de planeamento das cidades</i>
2.	24	<i>Focar a atenção nas lojas reiteradamente assaltadas</i>	<i>Concentra a prevenção onde ela é mais necessária; Facilita a detenção dos ofensores mais prolíficos</i>	<i>...se uma pequena proporção das lojas sofrer uma grande proporção dos assaltos e as medidas puderem ser aplicadas rapidamente</i>	<i>Obriga à cooperação entre divisões policiais (agentes locais, agentes de prevenção criminal, detetives), comerciantes e funcionários da autarquia</i>
3.	24	<i>Terminar com os mercados de venda de bens furtados</i>	<i>Reduz os incentivos aos ladrões ao dificultar a venda dos bens furtados pelos ofensores</i>	<i>...se os mercados de venda de bens furtados não forem generalizados</i>	<i>Poderá ser difícil obter-se Informações acerca da forma como e onde os ofensores vendem ou trocam os bens furtados; as operações policiais neste sentido são dispendiosas e de eficácia dúbia; os tribunais com frequência encaram a recetação de bens furtados com uma certa complacência</i>

Resposta N.º	Página N.º	Resposta	Como funciona	Funciona melhor...	Considerações
4.	25	<i>Criação de programas de vigilância de negócios/lojas</i>	<i>Aumenta os riscos para os ofensores devido às intervenções da polícia e/ou à possibilidade de virem a ser identificados posteriormente</i>	<i>...se a preocupação acerca dos assaltos às lojas a retalho for generalizada entre as lojas</i>	<i>Pode ser difícil envolver os proprietários das lojas na participação; uma alternativa mais eficaz consiste na criação de programas de vigilância na envolvência das lojas recentemente assaltadas</i>
Ações dos Retalhistas					
5.	25	<i>Atualizar a segurança externa</i>	<i>Trava ou abranda as ações dos ofensores</i>	<i>...se a segurança existente for baixa e se a vigilância natural for fraca</i>	<i>As soluções de endurecimento de alvos precisam ser cuidadosamente concebidas de acordo com cada loja individual, obrigando frequentemente ao aconselhamento de consultores de segurança profissionais</i>
6.	26	<i>Instalar alarmes contra intrusão</i>	<i>Aumenta os riscos dos ofensores serem apanhados</i>	<i>...se uma grande proporção das lojas dispuser de alarmes e se os alarmes estiverem ligados a sistemas de videovigilância que permitam às empresas de segurança verificarem, em tempo útil, a ocorrência dos assaltos antes de chamarem a polícia</i>	<i>Os assaltantes podem desativar os alarmes; existem altas taxas de alarmes falsos, mas começam a surgir no mercado sistemas de alarmes melhores</i>
7.	27	<i>Salvaguardar o dinheiro e os stocks mais valiosos</i>	<i>Reduz as recompensas dos assaltos</i>	<i>...se o principal alvo dos assaltantes for o dinheiro ou os bens que possam ser rapidamente convertidos em dinheiro</i>	<i>Existem poucos estudos disponíveis sobre a eficácia desta estratégia</i>

Resposta N.º	Página N.º	Resposta	Como funciona	Funciona melhor...	Considerações
8.	27	<i>Encerrar as escapatórias</i>	<i>Abranda a ação dos ofensores e aumenta os riscos de serem apanhados; limita a quantidade de artigos que os ofensores possam furtar</i>	<i>...se as lojas estiverem localizadas em áreas com uma boa vigilância natural e se os bens furtados forem volumosos/pesados</i>	<i>É uma abordagem sensata, mas sobre a qual poucos estudos avaliativos relevantes foram realizados; depende do quão bem treinado e disciplinado é o pessoal</i>
9.	27	<i>Selecionar e formar o pessoal das lojas</i>	<i>Reduz o risco dos chamados "inside jobs" (furtos cometidos com a colaboração de empregados ou por estes); aumenta a responsabilidade dos empregados pela segurança da loja</i>	<i>...se as lojas estiverem localizadas em áreas de grande criminalidade e a rotação do pessoal for elevada</i>	<i>A legislação deverá autorizar a conferência dos registos criminais dos potenciais empregados; os empregados devem ser incentivados a partilhar das funções de segurança</i>
10.	28	<i>Empregar seguranças privados durante as horas em que as lojas estão encerradas</i>	<i>Aumenta os riscos dos ofensores serem apanhados</i>	<i>...se as lojas estiverem aglomeradas e perto umas das outras e se os seguranças mantiverem uma presença constante e frequente</i>	<i>Os assaltantes costumam referir que são dissuadidos pela presença dos seguranças; uma alternativa mais barata consiste no emprego de equipas noturnas que se dedicam à limpeza das instalações, à reposição dos stocks e à arrumação da apresentação dos artigos</i>
11.	28	<i>Utilizar a Prevenção Criminal Pela Conceção Ambiental – PCPCA (CPTED no original)</i>	<i>Tornam mais difíceis os assaltos; aumenta os riscos dos ofensores serem apanhados</i>	<i>...se os retalhistas estiverem a pensar fazer remodelações importantes ou a construir novas instalações</i>	<i>A incorporação dos princípios da PCPCA não precisa ser dispendiosa e pode resultar em benefícios a longo prazo; os inquéritos de PCPCA podem ser realizados na totalidade de uma zona comercial, assim como junto de uma loja em particular</i>

<i>Resposta N.º</i>	<i>Página N.º</i>	<i>Resposta</i>	<i>Como funciona</i>	<i>Funciona melhor...</i>	<i>Considerações</i>
Medidas de Planeamento das Autarquias					
12.	28	<i>Melhorar a vigilância das ruas através da iluminação e da videovigilância</i>	<i>Aumenta os riscos para os ofensores devido às intervenções da polícia e/ou dos seguranças privados; aumenta os riscos dos ofensores virem a ser identificados posteriormente</i>	<i>...se as lojas se situarem nas baixas das cidades ou em zonas comerciais</i>	<i>Os grupos de defesa das liberdades civis dos EUA frequentemente opõem-se à instalação de sistemas de videovigilância públicos; as luzes e os sistemas de videovigilância por vezes são vandalizados nas áreas onde a criminalidade é elevada</i>
13.	28	<i>Promover a habitação por cima das lojas</i>	<i>Aumenta a vigilância natural às lojas durante a noite e aos fins-de-semana</i>	<i>...se as lojas se localizarem nas baixas das cidades e em zonas comerciais</i>	<i>Esta iniciativa costuma ser integrada em programas mais abrangentes de revitalização urbana; As acomodações por vezes não permitem uma boa vigilância das lojas situadas por baixo; esta abordagem é apelativa principalmente a pessoas solteiras ou jovens os quais frequentemente estão fora de casa e, por isso, não efetuam a vigilância pretendida</i>
14.	29	<i>Promover a criação de zonas de melhoramento de negócios (business improvement districts –BID’s)</i>	<i>Aumenta a vigilância natural da área</i>	<i>...se os chamados BID’s tiverem pessoal dedicado a realizar patrulhas de segurança</i>	<i>Os BID’s dependem de um apoio generalizado da comunidade comercial; o valor dos BID’s para a prevenção criminal ainda não foi demonstrado</i>

Notas Finais

- 1 Gill (1994); Shapland (1995); Felson e Clarke (1997).
- 2 Mirlees-Black e Ross (1995).
- 3 Cromwell, Olson e Avary (1991); Butler (1994); Jacques (1994); Wright e Decker (1994); Wiersma (1996).
- 4 Mirlees-Black e Ross (1995); Butler (1994).
- 5 Skogan (1990); Tilley (1993); Mirlees-Black e Ross (1995); Farrell, Chenery e Pease (1998).
- 6 Mirlees-Black e Ross (1995).
- 7 Taylor (1999).
- 8 Mirlees-Black e Ross (1995).
- 9 Mirlees-Black e Ross (1995).
- 10 Redshaw e Mawby (1996); Burrows (1997); Brown (2001).
- 11 Reiss (1969); Skogan (1990).
- 12 Butler (1994); Walker (1994); Redshaw e Mawby (1996).
- 13 Walker (1994); Mirlees-Black e Ross (1995); Perrone (2000).
- 14 Mirlees-Black e Ross (1995); Shapland (1995).
- 15 Food Marketing Institute (1997).
- 16 Hakim e Shachmurove (1996); Perrone (2000).
- 17 Mirlees-Black e Ross (1995); Shapland (1995).
- 18 Tilley (1993); Tilley e Hopkins (1998).
- 19 Cromwell, Olson e Avary (1991); Butler (1994); Jacques (1994); Wright e Decker (1994); Wiersma (1996).
- 20 Tilley e Hopkins (1998).
- 21 Farrell, Chenery e Pease (1998).
- 22 Tilley (1993); Tilley e Hopkins (1998); Bowers e Hirschfield (1998); Taylor (1999).
- 23 Langworthy e LeBeau (1992).
- 24 Clarke (1999); Sutton, Schneider e Hetherington (2001).
- 25 Beck e Willis (1995).
- 26 Tilley e Hopkins (1998).
- 27 Jacques (1994); Beck e Willis (1995).
- 28 Tilley (1993); Tilley e Hopkins (1998).
- 29 Hakim e Blackstone (1997).
- 30 Hakim e Blackstone (1997).
- 31 Clarke (1997).
- 32 Butler (1994).
- 33 Crowe (1991); Poyner e Fawcett (1995).
- 34 Butler (1994); Wiersma (1996).
- 35 Brown (1997).
- 36 Griswold (1984).
- 37 Beck e Willis (1995).
- 38 Greene e Stokes (1998).

Referências

- Beck, A., e A. Willis (1995). **Crime and Security: Managing the Risk to Safe Shopping**. Leicester, England: Perpetuity Press.
- Bowers, K., e A. Hirschfield (1998). "High Risk, Low Risk: The Use of Data in the Identification of Potential Targets of Commercial Crime Offenders." Em M. Gill (ed.), **Crime at Work: Increasing the Risk for Offenders, Vol. 2**. Leicester, England: Perpetuity Press.
- British Retail Consortium (1994). **Retail Crime Costs: 1992/1993 Survey**. London: British Retail Consortium.
- Brown, A. (2001). **A Commercial Crisis: A Report Into Commercial Repeat Victimization**. London: Home Office Research, Development and Statistics Directorate, Police Research Award Scheme.
- Brown, B. (1997). "CCTV in Three Town Centers in England." Em R. Clarke (ed.), **Situational Crime Prevention: Successful Case Studies (2nd ed.)**. Guilderland, N.Y.: Harrow and Heston.
- Burrows, J. (1997). "Criminology and Business Crime: Building the Bridge." Em M. Felson e R. Clarke (eds.), **Business and Crime Prevention**. Monsey, N.Y.: Criminal Justice Press.
- Butler, G. (1994). "Commercial Burglary: What Offenders Say." Em M. Gill (ed.), **Crime at Work: Studies in Security and Crime Prevention, Vol. 1**. Leicester, England: Perpetuity Press.
- Clarke, R. (1999). **Hot Products: Understanding, Anticipating and Reducing the Demand for Stolen Goods**. Police Research Series, Paper 112. London: Home Office.
- Clarke, R. (ed.) (1997). **Situational Crime Prevention: Successful Case Studies (2nd ed.)**. Guilderland, N.Y.: Harrow e Heston.
- Conklin, J., e E. Bittner (1973). "Burglary in a Suburb." *Criminology* 11(2):206–232.
- Cromwell, P., J. Olson e D. Avary (1991). **Breaking and Entering: An Ethnographic Analysis of Burglary**. Newbury Park, Calif.: Sage Publications.
- Crowe, T. (1991). **Crime Prevention Through Environmental Design**. Boston: Butterworth-Heinemann.
- Curtin, L., N. Tilley, M. Owens, e K. Pease (2001). **Developing Crime Reduction Plans: Some Examples From the Reducing-Burglary Initiative**. Crime Reduction Research Series, Paper 7. London: Home Office.
- Farrell, G., S. Chenery e K. Pease (1998). **Consolidating Police Crackdowns: Findings From an Antiburglary Project**. Police Research Series, Paper 113. London: Home Office.
- Felson, M., e R. Clarke (1997). **Business and Crime Prevention**. Monsey, N.Y.: Criminal Justice Press.
- Food Marketing Institute (1997). **Security and Loss-Prevention Issues Survey**. Washington, D.C.: Food Marketing Institute.

- Gill, M. (ed.) (1994). **Crime at Work: Studies in Security and Crime Prevention, Vol. 1.** Leicester, England: Perpetuity Press.
- Goodchild, B., O. Chamberlain, K. Dalgleish, e B. Lawrence (1997). **Crime on the Home Front.** York, England: The Joseph Rowntree Foundation.
- Greene, J., e R. Stokes (1998). "**Policing Business Districts: Problem-Solving in a Different Context.**" Em S. O'Connor e A. Grant (eds.), **Problem-Oriented Policing: Crime-Specific Problems, Critical Issues and Making POP Work.** Washington, D.C.: Police Executive Research Forum.
- Griswold, D. (1984). "**Crime Prevention and Commercial Burglary: A Time Series Analysis.**" *Journal of Crime and Justice* 12:493–501.
- Hakim, S., e E. Blackstone (1997). **Securing Home and Business: A Guide to the Electronic Security Industry.** Boston: Butterworth-Heinemann.
- Hakim, S., e Y. Shachmurove (1996). "**Spatial and Temporal Patterns of Commercial Burglaries.**" *American Journal of Economics and Sociology* 55(4):443–456.
- Jacques, C. (1994). "**Ram Raiding: The History, Incidence and Scope for Prevention.**" Em M. Gill (ed.), **Crime at Work: Studies in Security and Crime Prevention, Vol. 1.** Leicester, England: Perpetuity Press.
- Langworthy, R., e J. LeBeau (1992). "**The Spatial Evolution of a Sting Clientele.**" *Journal of Criminal Justice* 20:135–146.
- Mirlees-Black, C., e A. Ross (1995). **Crime Against Retail and Manufacturing Premises: Findings From the 1994 Commercial Victimization Survey.** Home Office Research Study, No. 146. London: Home Office.
- Novak, K., J. Hartman, A. Holsinger, e M. Turner (1999). "**The Effects of Aggressive Policing of Disorder on Serious Crime.**" *Policing: An International Journal of Police Strategies and Management* 22(2):171–190.
- Painter, K., e N. Tilley (1999). **Surveillance of Public Space: CCTV, Street Lighting and Crime Prevention.** *Crime Prevention Studies, Vol. 10.* Monsey, N.Y.: Criminal Justice Press.
- Perrone, S. (2000). "**Crimes Against Small Businesses in Australia: A Preliminary Analysis.**" *Trends and Issues, No. 184.* Canberra, Australia: Australian Institute of Criminology.
- Poyner, B., e W. Fawcett (1995). **Design for Inherent Security: Guidance for Nonresidential Buildings.** London: Construction Industry Research and Information Association.
- Redshaw, J., e R. Mawby (1996). "**Commercial Burglary: Victims' Views of the Crime and the Police Response.**" *International Journal of Risk, Security and Crime Prevention* 1(3):185–193.
- Reiss, A. (1969). "**Minority Entrepreneurship.**" Relatório submetido ao Office of Planning, Research and Analysis of the Small Business Administration. Exposto perante o Select Committee on Small Business, U.S. Senate, 91st Congress. Washington D.C.: U.S. Government Printing Office.

- Shapland, J. (1995). **"Preventing Retail-Sector Crimes."** Em M. Tonry e D. Farrington (eds.), **Building a Safer Society: Strategic Approaches to Crime Prevention—Crime and Justice: A Review of Research, Vol. 19.** Chicago: University of Chicago Press.
- Skogan, W. (1990). **"Crime and Survival of Small Businesses in Urban Communities."** Documento apresentado no encontro anual de 1990 da American Society of Criminology. Baltimore, Novembro.
- Spelman, W. (1990). **Repeat Offender Programs for Law Enforcement.** Washington, D.C.: Police Executive Research Forum.
- Sutton, M., J. Schneider e S. Hetherington (2001). **Tackling Theft With the Market Reduction Approach.** Crime Reduction Research Series, Paper 8. London: Home Office.
- Taylor, G. (1999). **"Using Repeat Victimization To Counter Commercial Burglary: The Leicester Experience."** *Security Journal* 12(1):41–52.
- Tilley, N. (1993). **The Prevention of Crime Against Small Businesses: The Safer Cities Experience.** Crime Prevention Unit Series, Paper 45. London: Home Office.
- Tilley, N., e M. Hopkins (1998). **Business as Usual: An Evaluation of the Small Business and Crime Prevention Initiative.** Police Research Series, Paper 95. London: Home Office.
- Walker, J. (1994). **The First Australian National Survey of Crimes Against Businesses.** Canberra, Australia: Australian Institute of Criminology.
- Walsh, D. (1986). **Heavy Business: Commercial Burglary and Robbery.** London: Routledge e Kegan Paul.
- Wiersma, E. (1996). **"Commercial Burglars in the Netherlands: Reasoning Decision-Makers?"** *International Journal of Risk, Security and Crime Prevention* 1(3):217–225.
- Wright, R., e S. Decker (1994). **Burglars on the Job.** Boston: Northeastern University Press.

Acerca do Autor

Ronald V. Clarke

Ronald V. Clarke é professor da School of Criminal Justice, na Rutgers University. Anteriormente, chefiou o departamento de pesquisas de criminologia do governo britânico onde desempenhou um papel significativo no desenvolvimento da prevenção situacional do crime e no British Crime Survey. Clarke é o fundador e editor dos Crime Prevention Studies. As suas publicações incluem "Designing Out Crime" (HMSO 1980), "The Reasoning Criminal" (Springer-Verlag 1986), "Business and Crime Prevention" (Criminal Justice Press 1997), e "Situational Crime Prevention: Successful Case Studies" (Harrow e Heston 1997). Juntamente com Herman Goldstein, tem trabalhado, recentemente, em projetos de policiamento orientado para a resolução de problemas para o Departamento da Polícia de Charlotte-Mecklenburg (Carolina do Norte). Desde 1998 que tem sido membro do comité de seleção do prémio anual Herman Goldstein Award for Excellence in Problem-Oriented Policing. Clarke é doutorado em sociologia pela Universidade de Londres.

Leituras Recomendadas

- **A Police Guide to Surveying Citizens and Their Environments**, do Bureau of Justice Assistance, 1993. Este guia oferece, aos elementos policiais, uma introdução prática a dois tipos de sondagens que poderão ser úteis à polícia: sondagem da opinião pública e sondagem sobre o ambiente físico. Este guia fornece orientações sobre como e de que forma devem ser realizadas sondagens que sejam eficazes em termos de custo/benefício.
- **Assessing Responses to Problems: An Introductory Guide for Police Problem-Solvers**, da autoria de John E. Eck (do U.S. Department of Justice, Office of Community Oriented Policing Services, 2001). Este guia deve ser usado como complemento aos Guias sobre Orientação para os Problemas da série de guias policiais. Ele fornece orientações básicas para medir e avaliar os esforços desenvolvidos no policiamento orientado aos problemas.
- **Conducting Community Surveys**, da autoria de Deborah Weisel (do Bureau of Justice Statistics e do Office of Community Oriented Policing Services, 1999). Este guia, juntamente com o software que o acompanha, fornece indicadores básicos e práticos para a polícia usar aquando da realização de sondagens à comunidade. Este documento, já traduzido por mim anteriormente encontra-se disponível em <http://www.popcenter.org/library/translations/> e em www.ojp.usdoj.gov/bjs.
- **Crime Prevention Studies**, editado por Ronald V. Clarke (Criminal Justice Press, 1993, et seq.). estes constituem uma série de volumes sobre estudos teóricos e aplicados sobre a redução das oportunidades para o crime. Muitos capítulos são sobre avaliações de iniciativas para reduzir crimes específicos e problemas causadores de desordem.
- **Excellence in Problem-Oriented Policing: The 1999 Herman Goldstein Award Winners**. Este documento, produzido pelo National Institute of Justice em colaboração com o Office of Community Oriented Policing Services e com o Police Executive Research Forum, fornece relatórios detalhados dos melhores trabalhos submetidos ao concurso anual cujo programa visa o reconhecimento da excelência nas respostas policiais orientadas aos problemas aos vários problemas comunitários. Uma publicação similar encontra-se disponível para os vencedores dos prémios dos anos subsequentes. Este documento também está disponível em www.ojp.usdoj.gov/nij.
- **Not Rocket Science? Problem-Solving and Crime Reduction**, da autoria de Tim Read e Nick Tilley (Home Office Crime Reduction Research Series, 2000). Identifica e descreve os factores que tornam a resolução dos problemas eficaz ou ineficaz da forma como têm sido praticadas pelas forças policiais da Inglaterra e do País de Gales.
- **Opportunity Makes the Thief: Practical Theory for Crime Prevention**, da autoria de Marcus Felson e Ronald V. Clarke (Home Office Police Research Series, Paper No. 98, 1998). Explica como as teorias criminais, como a teoria das actividades de rotina, a teoria da escolha racional e a teoria dos padrões criminais, têm implicações práticas para a polícia e para os seus esforços em prevenir o crime.
- **Problem-Oriented Policing**, De Herman Goldstein (McGraw-Hill, 1990, editado pela Temple University Press, 1990). Explica os princípios e os métodos do Policiamento orientado para a resolução de problemas, fornece exemplos disso na prática, e discute a forma como uma agência policial poderá implementar o conceito na prática.

- **Problem-Oriented Policing: Reflections on the First 20 Years**, de Michael S. Scott (U.S. Department of Justice, Office of Community Oriented Policing Services, 2000). Descreve de que forma as componentes mais cruciais do modelo de policiamento orientado aos problemas, criado por Herman Goldstein, se têm desenvolvido ao longo dos seus 20 anos de história, e propõe futuras direcções para o policiamento orientado aos problemas. Este relatório também se encontra disponível em www.cops.usdoj.gov.
- **Problem-Solving: Problem-Oriented Policing in Newport News**, de John E. Eck e William Spelman (Police Executive Research Forum, 1987). Explica as razões subjacentes ao policiamento orientado aos problemas e ao processo de resolução de problemas, e fornece exemplos de resolução eficaz dos problemas por uma agência de polícia.
- **Problem-Solving Tips: A Guide to Reducing Crime and Disorder Through Problem-Solving Partnerships** de Karin Schmerler, Matt Perkins, Scott Phillips, Tammy Rinehart e Meg Townsend. (U.S. Department of Justice, Office of Community Oriented Policing Services, 1998) (também disponível em www.cops.usdoj.gov). Fornece uma breve introdução à resolução de problemas, informações básicas sobre o modelo SARA e sugestões detalhadas acerca do processo de resolução de problemas.
- **Situational Crime Prevention: Successful Case Studies**, Segunda Edição, editada por Ronald V. Clarke (Harrow e Heston, 1997). Explica os princípios e os métodos da prevenção situacional da criminalidade, e apresenta mais de 20 casos estudados de iniciativas de prevenção criminal eficazes.
- **Tackling Crime and Other Public-Safety Problems: Case Studies in Problem-Solving**, de Rana Sampson e Michael S. Scott (U.S. Department of Justice, Office of Community Oriented Policing Services, 2000) (também disponível em www.cops.usdoj.gov). Apresenta casos estudados estudos de resolução eficaz de problemas em 18 tipos de crime de problemas decorrentes de desordem.
- **Using Analysis for Problem-Solving: A Guidebook for Law Enforcement**, de Timothy S. Bynum (U.S. Department of Justice, Office of Community Oriented Policing Services, 2001). Fornece uma introdução sobre como a polícia deve analisar os problemas em contexto de policiamento orientados aos problemas.
- **Using Research: A Primer for Law Enforcement Managers**, Segunda Edição, de John E. Eck e Nancy G. LaVigne (Police Executive Research Forum, 1994). Explica muitas das bases para a realização de estudos tal como são aplicados à organização da polícia e à resolução de problemas.

Outros Guias destas Séries

Série de Guias Policiais Orientados para a Resolução de Problemas:

1. **Assaults in and Around Bars.** Michael S. Scott. 2001.
2. **Street Prostitution.** Michael S. Scott. 2001.
3. **Speeding in Residential Areas.** Michael S. Scott. 2001.
4. **Drug Dealing in Privately Owned Apartment Complexes.** Rana Sampson. 2001.
5. **False Burglar Alarms.** Rana Sampson. 2001.
6. **Disorderly Youth in Public Places.** Michael S. Scott. 2001.
7. **Loud Car Stereos.** Michael S. Scott. 2001.
8. **Robbery at Automated Teller Machines.** Michael S. Scott. 2001.
9. **Graffiti.** Deborah Lamm Weisel. 2002.
10. **Thefts of and From Cars in Parking Facilities.** Ronald V. Clarke. 2002.
11. **Shoplifting.** Ronald V. Clarke. 2002.
12. **Bullying in Schools.** Rana Sampson. 2002.
13. **Panhandling.** Michael S. Scott. 2002.
14. **Rave Parties.** Michael S. Scott. 2002.
15. **Burglary of Retail Establishments.** Ronald V. Clarke. 2002.
16. **Clandestine Drug Labs.** Michael S. Scott. 2002.
17. **Acquaintance Rape of College Students.** Rana Sampson. 2002.
18. **Burglary of Single-Family Houses.** Deborah Lamm Weisel. 2002.
19. **Misuse of 911.** Rana Sampson. 2002.

Manual da Série de Guias Orientados para a Resolução de Problemas:

- **Assessing Responses to Problems: An Introductory Guide for Police Problem-Solvers.** John E. Eck. 2002.

Outras Publicações do COPS Relacionadas

- **Using Analysis for Problem-Solving: A Guidebook for Law Enforcement.** Timothy S. Bynum.
- **Problem-Oriented Policing: Reflections on the First 20 Years.** Michael S. Scott. 2001.
- **Tackling Crime and Other Public-Safety Problems: Case Studies in Problem-Solving.** Rana Sampson e Michael S. Scott. 2000.
- **Community Policing, Community Justice, and Restorative Justice: Exploring the Links for the Delivery of a Balanced Approach to Public Safety.** Caroline G. Nicholl. 1999.
- **Toolbox for Implementing Restorative Justice and Advancing Community Policing.** Caroline G. Nicholl. 2000.
- **Problem-Solving Tips: A Guide to Reducing Crime and Disorder Through Problem-Solving Partnerships.** Karin Schmerler, Matt Perkins, Scott Phillips, Tammy Rinehart e Meg Townsend. 1998.

Para mais informações acerca das series de Guias Policiais para a Resolução de Problemas e outras publicações do COPS Office, por favor entre em contato telefónico com o COPS Office Response Center através do n.º 800.421.6770 ou visite o Web site do COPS Online através do endereço www.cops.usdoj.gov.

Para mais informações:

*U.S. Department of Justice
Office of Community Oriented Policing Services
1100 Vermont Avenue, N.W.
Washington, D.C. 20530*

*Para obter detalhes sobre os programas do COPS,
contate o COPS Office Response Center
através do telefone n.º 800.421.6770,
ou visite o Website do COPS no endereço www.cops.usdoj.gov*

e12011408

Criado em 13 de março de 2002

